

## POUCO CASO

Maioria dos 44 parques criados no Distrito Federal não tem limites conhecidos. Um deles não tem sequer endereço. E outros 26 estão invadidos por moradores

# Parques ecológicos só existem no papel

Kátia Marsicano  
Da equipe do **Correio**

**T**em parques ecológicos para todos os gostos. Grandes, pequenos, preservados, destruídos ou invadidos. São 44 em todo Distrito Federal. Sem cercas ou fiscalização, representam áreas importantes de preservação e abrigam mananciais em risco devido à ocupação desordenada do solo. É o caso do Parque Recanto das Emas. Por dentro dele passa o córrego Monjolo, ameaçado pelo crescimento populacional da cidade.

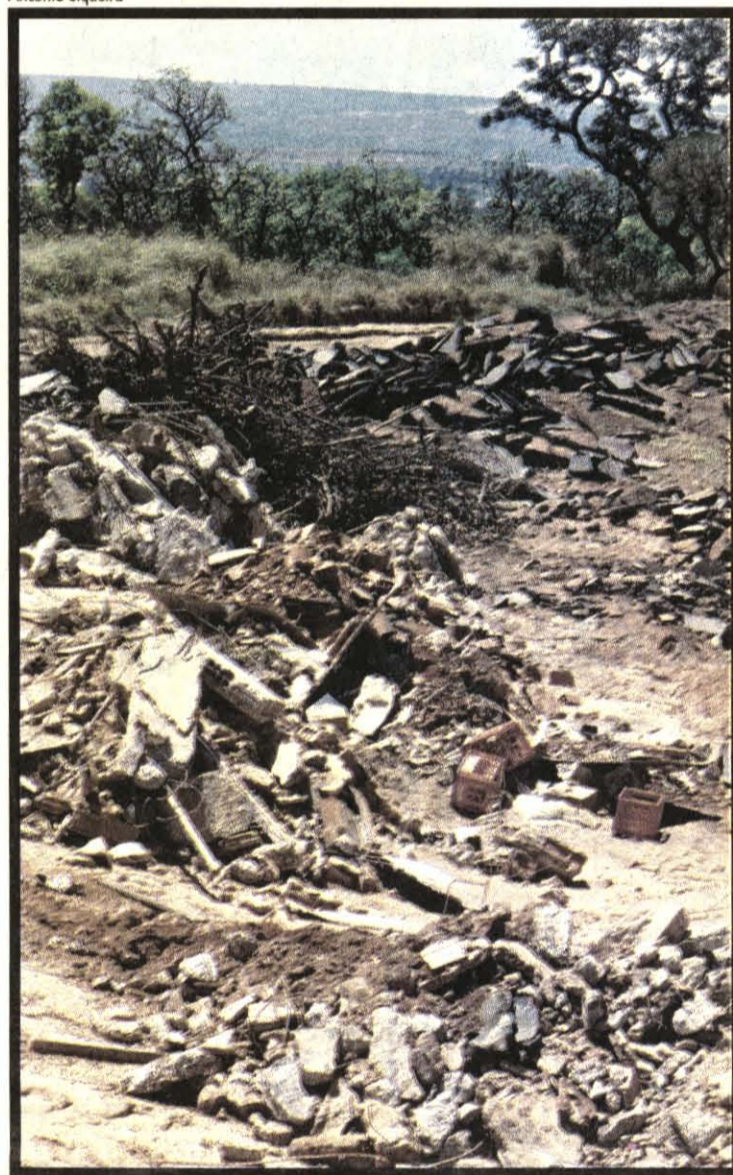
Relatório completo sobre todos os parques foi preparado pela bióloga Roseli Senna e pela pedagoga Zita Leal, das Unidades de Desenvolvimento Urbano e Meio Ambiente e Saúde, Educação e Cultura, da Câmara Legislativa, e revela o estado de abandono em que se encontram. O trabalho — concluído há dois meses — foi uma atualização do que foi feito em 1997, quando havia apenas 27 parques. O levantamento foi encomendado no final do ano passado pelos deputados distritais Paulo Tadeu (PT) e José Edmar (PMDB), durante a votação da Lei 265/99, que instituiu a política de parques no DF.

Durante quatro meses, elas percorreram todos os parques, em 19 regiões administrativas. “Apesar de, no papel, serem 44 parques, verificamos que a maioria não existe — não foram implantados e não cumprem os objetivos para os quais foram criados”, diz Roseli.

Apenas doze parques têm polígonos definidas — sabe-se onde começam e onde terminam. Um dos exemplos do descaso é o Parque Recreativo de Santa Maria, criado sem endereço pela lei 2.044/98, que atribuiu essa competência ao Poder Executivo, que, por sua vez, até hoje não escolheu entre três áreas sugeridas pela Administração Regional. Enquanto isso, o parque é apenas uma teoria.

Além dele, o Parque Ecológico Irmão Afonso Haus, de Taguatinga, consta do relatório da Câmara como inexistente: não foi encontrado ato de criação e nem

Antonio Siqueira



DEPÓSITO DE ENTULHO NO FUTURO SETOR NOROESTE: IMAGEM DO ABANDONO

referência à localização. Existe apenas o decreto 19.619/98 — que se refere à mudança de nome do Parque Santuário dos Pássaros, na Vila São José, para Afonso Haus. “Nem a administração regional nem a Secretaria de Meio Ambiente souberam dizer onde fica”, lembra a bióloga Roseli.

### OCUPAÇÕES

**O** outro problema para a implantação efetiva das unidades de conservação é a situação fundiária de cada um. “Eles foram criados de qualquer jeito, aprovados na Câmara Legislativa mas sem estudos prévios para definir a propriedade

e, pior, sem a preocupação em saber se estavam ou não ocupados por moradores antigos ou invasores”, completa Zita. Pela Lei 265, o uso residencial nessas áreas é proibido (art.22), exceto as ocupações antigas, existentes na data de criação do parque. Estas ocupações estão sujeitas a lei específica — que não existe. Enquanto isso, ninguém sabe o que fazer com os moradores.

No Parque Ezequias Heringer (do Guará), por exemplo, além de chacareiros, existem 269 invasores vivendo em barracos a menos de 300 metros da margem do córrego Guará. O córrego, aliás, está poluído. “Fazemos tudo para não prejudicar o meio am-

biente e, se tiver que sair, a gente sai”, garante o presidente da Associação dos Moradores Solidários, José Ribamar Amorim.

Situação bem pior havia no Parque Saburo Onoyama, de Taguatinga, quando, em maio, cerca de 500 famílias foram removidas para o Recanto das Emas. De lá para cá, houve novas tentativas de ocupação, mas a fiscalização da cidade chegou a tempo de evitar que aumentasse novamente.

Também há casos em que a criação do parque virou piada. Foi o que aconteceu com o Parque do Setor “O”, em Ceilândia. O parque, criado pela lei 871/95, do então deputado distrital Marco Lima, fica em frente ao conjunto H da QNO 1. Trata-se de um pequeno jardim com aproximadamente 120 metros quadrados, espremido entre o asfalto e um posto de gasolina. Mas, afinal, como o jardim se transformou em parque reconhecido até no Mapa Ambiental do DF? “Foi para evitar que esse posto destruísse tudo”, lembra o aposentado Jacinto Vicente de Paula, 66 anos.

### CASCALHEIRA E ENTULHOS

**S**egundo o levantamento, o lixo é um problema generalizado. No Parque Burle Marx, formado por 280 hectares no final da Asa Norte, a quantidade de entulho surpreende. O mesmo acontece perto dali, no futuro setor Noroeste. O parque tem crateras causadas pela exploração de cascalheiras. Pouco resta de vegetação nativa. No local também há invasões de catadores de papel e lixo que, em um ano e sete meses, já foram removidos 17 vezes pelo Serviço Integrado de Vigilância do Solo (SIV-Solo).

Segundo o diretor de Parques e Unidades de Conservação da Secretaria de Meio Ambiente e Recursos Hídricos (Semarh), Roberto Petterle, desde a sanção da Lei 265/99 estão sendo feitos estudos para resolver a situação dos 44 parques do DF. “Já estamos trabalhando nos seis primeiros, que serão cercados e fiscalizados até o final do ano”, garante.